

Esta obra de Herman Bavinck é uma de suas melhores. Este volume compilado da doutrina cristã é escrito de modo simples e de leitura agradável. Todos aqueles interessados no ensino sólido, duradouro, da fé bíblica farão deste livro um companheiro para toda a vida. Aqueles que amam ao Senhor e à sua Palavra retornarão repetidas vezes às explicações de Herman Bavinck sobre as doutrinas centrais e sobre as verdades que mudam nossa vida.

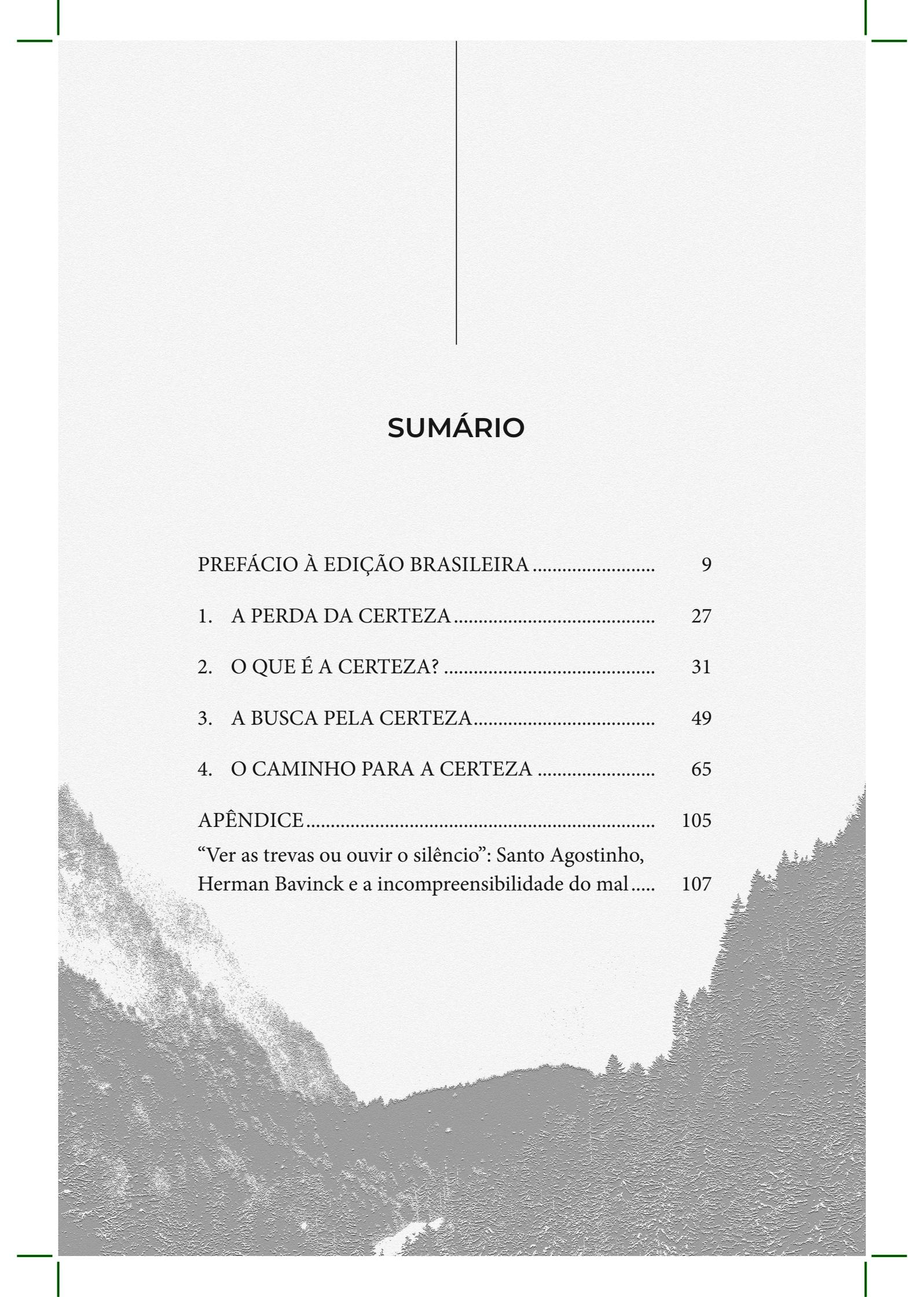
— **Dr. Nelson D. Kloosterman**

Herman Bavinck foi o manancial da teologia dogmática reformada ao longo do último século. Fico satisfeito que suas obras estejam sendo traduzidas para várias línguas ao redor do mundo. Este livro em particular é pequeno, porém repleto de grandes percepções bíblicas sobre a filosofia, história e o Deus das Escrituras.

— **Dr. John Frame**

Esta pequena joia é uma das melhores coisas que Herman Bavinck escreveu. É igualmente profundo e acessível, e apresenta um discernimento valioso tanto para o teólogo quanto para o crente comum. É Herman Bavinck no seu melhor.

— **Dr. Albert M. Wolters**



SUMÁRIO

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA	9
1. A PERDA DA CERTEZA	27
2. O QUE É A CERTEZA?	31
3. A BUSCA PELA CERTEZA	49
4. O CAMINHO PARA A CERTEZA	65
APÊNDICE	105
“Ver as trevas ou ouvir o silêncio”: Santo Agostinho, Herman Bavinck e a incompreensibilidade do mal	107

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

Em seu livro de sugestivo título, *O fim das certezas*, o químico e laureado com o prêmio Nobel Ilya Prigogine afirma que uma das grandes discussões que perpassam a história do pensamento ocidental — o determinismo em oposição à casualidade — estende-se agora também para o mundo das ciências naturais, de modo que, segundo demonstram os resultados de suas pesquisas, “as leis da natureza adquirem, então, um significado novo: não tratam mais de certezas morais, mas sim de possibilidades”. Isto porque “afirmam o devir, e não mais somente o ser. Descrevem um mundo de movimentos irregulares, caóticos, um mundo mais próximo do imaginado pelos atomistas antigos do que das órbitas newtonianas”¹

Ora, já nos primeiros parágrafos do presente livro, Herman Bavinck lembra-nos que o homem medievo, que ainda não testemunhara a ascensão e entronização da autonomia da razão humana, gozava de certas certezas e convicções que hoje nos são inconcebíveis. De certo modo, a dúvida sistemática que

1 Ilya Prigogine, *O fim das certezas*, tradução Roberto Leal Ferreira (São Paulo: Unesp, 2011), p. 163.

se implantou, talvez irremediavelmente, nos próprios modos de pensamento e nas mais diversas epistemologias modernas remonta não apenas a Descartes, que se valeu dela na busca de um fundamento outro para a filosofia humana, mas também aos métodos hermenêuticos que, já na Idade Média, iniciavam sua crítica e “desconstrução” dos textos sagrados.² Do mesmo modo, a filosofia continental posterior, especialmente com Kant, levou a cabo o trabalho de implosão da própria crença nas experiências com o mundo exterior, quando afirmou nossa incapacidade de conhecer a “coisa em si”.

Ademais, com Galileu, Newton e Giordano Bruno, o Ocidente testemunhou a preconização das ciências matemáticas como “modelo perfeito” de conhecimento e interpretação do mundo. Todos os demais saberes foram então vistos como

2 Eric Voegelin, tratando sobre a “dinâmica da secularização”, diz o seguinte acerca da terceira fase da “apostasia” cultural: “o problema mais grave para a substância espiritual da Cristandade surgiu... do conflito entre o simbolismo cristão e a crítica racional e histórica a ele aplicada. A linguagem simbólica em que a verdade da Cristandade está expressa provém de fontes hebraicas e helênicas. A linguagem mítica foi, ao tempo de seu emprego original, um instrumento preciso para expressar a irrupção da realidade transcendental, sua encarnação e sua operação no homem. Na época de Cristo e nos séculos da Cristandade inicial, esta linguagem não era um ‘mito’, mas a terminologia exata para designar os fenômenos religiosos. Tornou-se um ‘mito’ em consequência da penetração do mundo de um racionalismo que destrói os significados transcendentais de símbolos tomado do mundo dos sentidos. No curso desta ‘desdivinização’ (*Entgötterung*) do mundo, símbolos sensoriais deixaram de ser transparentes para a realidade transcendental; tornaram-se opacos e já não eram revelatórios da imersão do mundo finito no transcendente. A Cristandade se tornou historicizada no sentido de que um universo de símbolos que pertenciam à era do mito passaram a ser vistos na perspectiva das categorias que pertencem a uma era de racionalismo” (*História das ideias políticas*, v. VI — *Revolução e a nova ciência*, tradução Elpídio Mário Dantas Fonseca (São Paulo: Ê Realizações, 2017), p. 69.